

FONTES PARA O ESTUDO DA INDUMENTÁRIA: O CENTRO DE REFERÊNCIA TÊXTIL/VESTUÁRIO

Maria Cristina Volpi Nacif

RESUMO: Este ensaio trata das fontes para o estudo da indumentária com foco em acervos de objetos e apresenta o Centro de Referência Têxtil/Vestuário, projeto que coordeno desde 2005, formado por amostras de tecidos, vestuário, acessórios e banco de imagens visando ao desenvolvimento de pesquisas sobre as formas vestimentares na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

PALAVRAS-CHAVE: materioteca; cultura material; formas vestimentares.

ABSTRACT: *This essay examines the sources for the study of clothing with a focus on collections of objects and it presents the Centro de Referência Têxtil/Vestuário (Textile/Clothing Reference Center), a project I have been coordinating since 2005, consisting of samples of fabrics, clothing, accessories and an image bank aimed at developing research on ways of dressing at the Escola de Belas Artes (School of Fine Arts) of the Universidade Federal do Rio de Janeiro.*

KEYWORDS: *materioteca (resource center); material culture; ways of dressing.*

PARA UMA HISTÓRIA DA INDUMENTÁRIA

O estudo da indumentária, sistema vestimentar formal e normativo de uma sociedade, formado por elementos que compõem a aparência vestida (ROCHE, 2000, p. 257), fundamenta-se na investigação de diversos tipos de documentos.

São tradicionalmente empregadas as fontes escrita, oral e iconográfica, formadas por um conjunto bastante variado de objetos tais como escultura, pintura, gravura, desenho e mais recentemente fotografia. O emprego desses diversos tipos de fontes revela formas e práticas vestimentares, contribuindo para a apreensão dos aspectos simbólicos do uso, sendo úteis, em muitos casos, para se conhecer a prática vestimentar efetiva, evidenciando o contexto no qual a aparência foi produzida.

Ao mesmo tempo, o traje e os acessórios de indumentária são documentos fundamentais para o estudo das formas vestimentares, “suporte material, físico, imediatamente concreto, da produção e reprodução da vida social” (MENESES, 1983, p. 112). Estão inscritas na materialidade das peças ações de fabrico e uso, registros de memória que revelam corpos e afetos. As mudanças gerais da forma,

da técnica de corte, dos materiais empregados, os hábitos sociais e suas relações com os espaços de vivência e seu reflexo nos hábitos de vestir evidenciam o caráter histórico do vestuário.

Estudos mais recentes sobre a indumentária fundamentam-se sobre a fusão entre o estudo do objeto e as abordagens teóricas (TAYLOR, 2004, p. 85). Além do entendimento de seus contextos históricos mais amplos, a partir dos objetos pode-se compreender como são feitos, para que são usados, como se dá a circulação dos materiais e modelos e quais são os seus valores expressivos em termos culturais e estéticos.

A historiografia da indumentária no Brasil é bastante recente, sendo que os estudos com foco em acervos de vestuário são mais raros.¹

No Rio de Janeiro praticamente todos os museus da cidade têm alguma peça de indumentária em seu acervo, embora a maioria não ultrapasse o início do século XIX. Tanto a cidade quanto o estado do Rio de Janeiro possuem importantes acervos públicos.² Na UFRJ, num levantamento inicial, destacaram-se as coleções de vestuário indígena e têxteis arqueológicos no Museu Nacional na Quinta da Boa Vista, além de um pequeno acervo de objetos pessoais incluindo leques, relógios,

1 Em 1997 foi criado o Núcleo Interdisciplinar de Estudos de Moda (NIDEM), liderado pela socióloga Solange Wajnman e vinculado à Universidade Paulista, campus Paulista, São Paulo, SP, com a finalidade de produzir e divulgar as pesquisas acadêmicas sobre moda, articulando os campos da história, antropologia, sociologia e comunicação. Realizado anualmente desde 2005, o Colóquio Nacional de Moda é uma iniciativa de pesquisadores vinculados a instituições de ensino e pesquisa brasileiros e se constitui num fórum importante para divulgação e discussão de pesquisas sobre moda. No âmbito do Colóquio de Moda, o grupo de trabalho Moda, Cultura e Historicidade, do qual faço parte, trata da produção historiográfica sobre moda e cultura das aparências. Como resultado desses debates foi publicado BONADIO, Maria Claudia e MATTOS, Maria de Fatima. *História e cultura de Moda*. São Paulo: Estação das Letras e das Cores, 2011. Em 2011 durante o I ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM MODA VI FAV FASHION na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, foram apresentados trabalhos sobre a pesquisa em acervos têxteis, no eixo temático “Têxteis, materialidade, visualidade, sentidos e patrimonialização”, sob a coordenação de Rita Andrade (FAV/UFG) – uma das primeiras pesquisadoras a empregar o traje como fonte principal em suas pesquisas no mestrado e no doutorado – e Manuelina Duarte (FCS/UFG), privilegiando o estudo de coleções de museus como fontes primárias.

2 Na cidade do Rio de Janeiro os principais acervos públicos com coleções de trajes e acessórios são: Museu Histórico Nacional, Museu da República, Museu Carmen Miranda, Museu Casa de Benjamin Constant, Fundação Casa de Rui Barbosa, Museu da Academia Nacional de Medicina, Museu da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, Museu Sacro, Museu da Polícia Civil, Museu do Trem, Museu dos Teatros do Rio de Janeiro, Museu Histórico e Diplomático – Palácio Itamaraty, Museu Naval e Oceanográfico; em Niterói, RJ: Museu de História e Artes do Estado do Rio de Janeiro; em Petrópolis, RJ: Museu Imperial, e em Vassouras, RJ: Museu Casa da Hera. In: *Guia de Museus Brasileiros*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000 (Uspiana – Brasil 500 anos).

jóias e trajes eclesiásticos que fazem parte da Coleção Ferreira das Neves do Museu Dom João VI na Escola de Belas Artes.

Visando atender aos conteúdos programáticos das matérias de figurino e procurar despertar nos alunos o interesse pela pesquisa científica e corresponder a um desejo dos alunos do curso de indumentária da Escola de Belas Artes em organizar uma teciteca, surgiu o Centro de Referência Têxtil/Vestuário (CRTV).

ESTRATÉGIAS PARA FORMAR O ACERVO

O projeto do CRTV vem sendo desenvolvido desde 2005 no âmbito do Núcleo Interdisciplinar de Estudo da Imagem e do Objeto/NIO do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais/PPGAV, visando à organização de materiotecas e banco de imagens com foco no estudo da indumentária no Brasil.

Segundo as categorias têxteis estabelecidas pelo *International Council off Museums* (ICOM), as indumentárias se dividem em militar, eclesiástica e civil. Em função da política de aquisição, dos parâmetros estabelecidos para sua constituição e do espaço disponível, o acervo começou a ser formado a partir de doações de peças de trajes civis dos séculos XIX e XX. Esses trajes formam uma categoria bastante ampla que inclui os trajes populares ou regionais, social, profissional, íntimos, de folgedos e os trajes de cena.

As rotinas de trabalho do acervo de trajes e acessórios foram estabelecidas e consolidadas, de modo a garantir a continuidade dos trabalhos. As peças são adquiridas por meio de doações voluntárias ou a partir de cartas com pedidos de doações. Cada traje recebido é examinado pela equipe por sua relevância com relação ao escopo do acervo e seu estado de conservação. São preenchidos o termo de doação e a relação de trajes. Quando identificados os usuários das peças, é preenchido o cadastro de usuário, com dados levantados por meio de entrevista com a pessoa que fez a doação. Em seguida, é preenchido o cadastro de peças contendo informações sobre classe, subclasse, tipo, cor, material e técnica e outros dados relevantes. Em seguida, a peça é fotografada, é confeccionada uma embalagem ou capa, e a peça é acondicionada na forma mais adequada ao seu formato e material. Essas atividades são realizadas com a orientação da professora, pela equipe de bolsistas.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE BELAS ARTES
NÚCLEO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDO DA IMAGEM E DO OBJETO
CENTRO DE REFERÊNCIA TÊXTIL VESTUÁRIO

Rotina do acervo de trajes e acessórios:

Responsáveis:

- 1-Bolsista
- 2-Bolsista
- 3-Bolsista
- 4-Bolsista
- 5-Bolsista
- 6-Bolsista
- 7-Orientador
- 8-Bolsista
- 9-Bolsista
- 10-Bolsista

1-As peças são adquiridas por meio de doações voluntárias e/ou a partir de cartas com pedidos de doações enviadas a designers, figurinistas e estilistas. Faça as cartas.



2-Avalie o traje pela sua relevância histórica, seu estado de conservação, avaliando se ele adéqua ao acervo e suas características.



3-Faça o preenchimento do Termo de Doação e a Relação dos trajes



4-Faça o cadastramento do usuário, identificando dados necessários à pesquisa



5- Faça a entrada das peças e o cadastramento dos trajes, através das fichas contendo informações de cada peça.



6-Organize os trajes no acervo



7-Orientador do projeto verifica se as fichas e se a localização dos trajes está correta



8-Verifique se as informações que estão na ficha correspondem com o que está no acervo.



9-Verifique a presença de cabides e capas nos trajes que acondicionados verticalmente.



10-Verifique a forração das gavetas, se estão com as placas de polionda quando acondicionada horizontalmente.



Ilustração n° 1: Exemplo de rotina do acervo de trajes e acessórios desenvolvido por Carolina Morgado Pereira e Rafaela Teixeira Abreu.

A capacitação constante dos alunos envolvidos no projeto se dá, nesta fase, por meio de parcerias com setores na UFRJ e noutras instituições, com o Museo del Traje de Madrid, na Espanha. São feitas visitas técnicas em museus no Rio de Janeiro e em São Paulo, e incentivadas a participação em seminários e cursos que possam contribuir para as ações necessárias de coleta, acondicionamento, guarda, indexação e recuperação de dados.

METODOLOGIAS EMPREGADAS

O acervo de trajes e acessórios, núcleo central do CRTV, possui atualmente cento e oito peças entre vestidos, casacos, ternos, fraques, coletes, camisolas, anáguas, combinações, saias, sapatos, bolsas, cintos, chapéus, luvas, além de caixas de chapéus.

As peças do acervo foram guardadas no mobiliário existente na sala 709 da Escola de Belas Artes e que foi adaptado para esse fim. Ele possui armários e grandes gavetas de madeira, levando-se em conta a melhor forma de armazenagem, plana ou vertical dependendo do formato e material da peça.

Para a armazenagem plana, foram utilizadas as gavetas forradas com poliionda, a fim de evitar que a madeira entrasse em contato direto com os trajes. Roupas feitas de renda ou cambraia, peças menores, como as luvas, roupas de baixo e trajes infantis foram acondicionadas nas gavetas.



*Ilustração n° 2: Exemplo de armazenagem plana, acondicionamento de luvas. Acervo CRTV.
Foto: Fernanda Garcia Nunes.*

Peças de vestuário como casacos, paletós e vestidos foram armazenados verticalmente em cabides de plástico acolchoados e forrados com algodão cru, cobertas com capas de algodão cru, em largura padrão e comprimento de acordo com o formato da peça a ser guardada.



*Ilustração n° 3: Exemplo de armazenagem vertical: fraque, colete e gravata.
Acervo CRTV
Foto: Aurea Bezerra.*

Esta capa tem uma janela na lateral, forrada com poliéster transparente para que se possa ver uma parte do traje e um bolso para ser incluída uma fotografia da peça, permitindo a identificação da mesma sem manuseio direto.



*Ilustração n° 4: Capa desenvolvida baseada na apostila de conservação preventiva do Museo del Traje de Madrid, Espanha.
Acervo CRTV.
Foto: Virginia Braz Assanti*



*Ilustração n° 5: As alunas Aurea Bezerra e Laura Bezerra com a capa que desenvolveram.
Acervo CRTV.
Foto: Fernanda Garcia Nunes.*

A partir de pesquisas desenvolvidas pelos alunos bolsistas, foram elaboradas as fichas³ de catalogação que contivessem informações necessárias para subsidiar as pesquisas. Para a indexação das peças de vestuário no acervo, torna-se necessário definir um sistema descritivo adequado. A classificação dos trajes e acessórios é feita a partir de duas propostas de sistemas descritivos (*Vêtement et Sociétés II*, 1984, p. 363-373 e 375-381).

Os parâmetros utilizados para elaborar um léxico que sirva para a classificação e recuperação por acesso ao banco de dados on-line, dessas diferentes peças museológicas, levam em conta as características materiais e simbólicas das roupas. As zonas de apoio da peça no corpo foram tomadas como elementos de definição da roupa, a partir das quais foram listadas as características formais do vestuário, ou seja, as partes do traje. Além disso, são descritas as matérias e as técnicas empregadas para o fabrico. No sistema descritivo utilizado, as classificações não deverão ser rígidas, podendo receber novos termos.

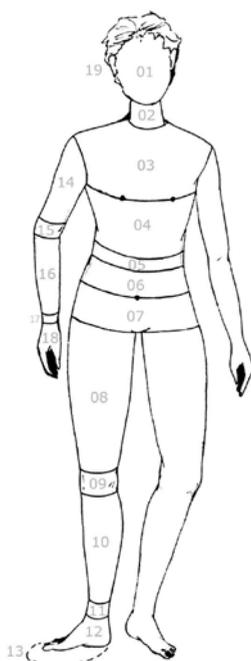


Ilustração n° 6: Pontos de apoio do vestuário no corpo segundo DUFLOT-PRIOT (Vêtement et Société II, 1984, p. 380)

3 As fichas utilizadas como exemplo foram as do Museu D. João VI e outras exemplificadas nos anais do Seminário Internacional Tecidos e sua conservação no Brasil: museus e coleções, Museu Paulista, USP realizado em maio de 2006.

CENTRO DE REFERÊNCIA TEXTIL/VESTUÁRIO			
FICHA DE CADASTRO DE PEÇAS			
TERMO DE DOAÇÃO N°	008	PREENCHIDO POR	Cristina Volpi
CLASSE	Objeto pessoal		
SUBCLASSE	Objeto de indumentária civil		
TÍTULO	Chapéu masculino		
NÚMERO DE INVENTÁRIO	008-001		
LOCALIZAÇÃO	Armário 27		
USO A QUE SE DESTINA	Acompanha o traje de passeio		
FORMALIDADE	Formal		
DIA/NOITE	Dia		
INTERIOR/EXTERIOR	Exterior		
FOTO			
FOTO DO INTERIOR DA COPA DO CHAPEU			
DOADOR	Joaquim Marçal		
USADO POR	avô		
DATAÇÃO	Cerca de 1930		
DIMENSÕES			
FABRICANTE/AUTOR	PRADA		
ASSINATURA	Etiqueta		
DESCRIÇÃO DA PEÇA	Chapéu de feltro cinza esverdeado com copa afundada e aba com acabamento de fita de gorgorão marrom; faixa de gorgorão preta com laço chato arrematando a copa.		
DESCRIÇÃO DE PEÇAS COMPLEMENTARES	Caixa de papelão		

DESENHO TÉCNICO	
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	
OUTRAS REFERÊNCIAS	
TÉCNICA/MATERIAL	Feltro/ cetim marfim/ couro marrom/ fita de gorgorão
COR	Cinza esverdeado/ marrom/ preto
OUTROS	
FOTO DA PEÇA COMPLEMENTAR	
DESCRIÇÃO	Caixa de papelão coberta por papel impresso com a logomarca da loja “Casa Garcia – Avenida Rio Branco 93 a 97”
Ficha desenvolvida pelas alunas Fernanda Garcia Nunes e Elisa Emmel Vilas (bolsistas PIBIC) Fontes: Museu D. João VI e Tesaurus	

Ilustração n° 7: Exemplo de ficha de cadastro de peças com fotos do chapéu, do detalhe da etiqueta e da caixa. Acervo CRTV. Foto: Carolina Morgado Pereira.

Além das categorias têxteis já indicadas anteriormente, os trajes classificam-se genericamente a partir de sua relação com o dia e a noite, o inverno e o verão e as situações sociais em que são usados e que estabelecem os graus de formalidade.

As peças foram fotografadas e, após o armazenamento em armários e gavetas, o número de inventário (siglado) é fixado em cada uma. As fichas estão em fase de preenchimento, incluindo a realização de um desenho técnico e o levantamento de referências bibliográficas.

A elaboração de uma apostila sobre guarda e conservação e um catálogo com fotos e informações básicas complementarão as informações sobre o acervo indexado que ficará disponível on-line através da página do CRTV. O passo seguinte será a manutenção das coleções e o desenvolvimento de pesquisas sobre as peças que o compõem.

A cada doação, são colhidos dados em uma ficha de cadastro sobre o usuário, sobre quem usou as roupas e em que circunstâncias, com o objetivo de associar à peça de vestuário gênero, idade, profissão, status, formalidade e situação em que foi usada. Sempre que possível, são vinculadas fotografias das pessoas aos trajes.

CENTRO DE REFERÊNCIA TEXTIL/VESTUÁRIO			
FICHA DE CADASTRO DE USUÁRIO			
TERMO DE DOAÇÃO Nº	002	PREENCHIDO POR	Cristina Volpi
1) IDENTIFICAÇÃO DO USUÁRIO			
NOME	CLAUDIA DE ALMEIDA RIBEIRO GOMES		
DATA DE NASCIMENTO	28/10/1931		
LOCAL DE NASCIMENTO	Campos dos Goitacazes, RJ		
DATA DE FALECIMENTO	24/01/1982		
LOCAL DE FALECIMENTO	RJ		
2) CAPITAL SOCIAL			
ESCOLARIDADE			
COLEGIO/ UNIVERSIDADE ONDE ESTUDOU	Formada em Psicologia na PUC-Rio		
PROFISSÃO [se for o caso]	Psicóloga		
LOCAL [AIS] DE MORADIA	Campos dos Goitacazes, RJ Niterói, RJ		
ESTADO CIVIL	solteira		
NÚMERO DE FILHOS [se for o caso]	Não se aplica		
3) IDENTIFICAÇÃO DO TRAJE			
TIPO	Vestido estampado com bolero		
COR	Tons de marrom e laranja		
Nº DE INVENTÁRIO	002-0018		
LOCALIZAÇÃO	Armário 12		
USO A QUE SE DESTINA	Vestido de coquetel		
FORMALIDADE	Formal		
DIA/NOITE	Dia - tarde		
INTERIOR/EXTERIOR	Interior		
DATAÇÃO	Década de 1960		
FABRICANTE/AUTOR	Sem autor		
FOTO DO TRAJE			

DESCRIÇÃO DA PEÇA	Vestido de seda estampada em tons de marrom e laranja, forrado, sem mangas, com decote redondo na frente e atrás, com saia rodada, abaixo do joelho, usa com bolero com mangas e gola chalé do mesmo tecido do vestido
ÉPOCA EM QUE FOI USADO	Década de 1960
OBSERVAÇÕES SOBRE O USO DO TRAJE	Desfile de modas, década de 1960, Rio de Janeiro. À esquerda na fotografia, Claudia Ribeiro Gomes vestindo o conjunto formado por vestido e bolero atualmente no Acervo do CRTV.
FOTO DO USUÁRIO	

Ilustração n° 8: Exemplo de ficha de cadastro de usuário, com fotos do vestido e do bolero e do usuário. Acervo CRTV.

Foto do traje: Carolina Morgado Pereira.

Foto do usuário: 24cm x 18cm. Acervo Família Gonçalves de Mello, gentilmente cedida por Marcia Mello.

Algumas peças foram entregues em suas caixas, como é o caso de dois chapéus masculinos da década de 1930, com o logotipo da loja no estilo *Art Déco*. Outras contêm pequenas anotações: “feito pela mamãe” escrita á lápis na caixa com a roupa de batizado masculina dos anos 1950, ou ainda o nome das pessoas retratadas no verso da fotografia.



Ilustração nº 9: Ida Catarina Lahmeyer, Laura Maria Lahmeyer e Cecilia Salomé Lahmeyer, cerca de 1880. Foto: Carte de Cabinet, frente e verso. 10,70cm X 16,40cm. Acervo da autora. Texto na frente: Tavares Sobrinho succ. De Carneiro & Gaspar; texto no verso impresso: Tavares Sobrinho sucessor de Carneiro & Gaspar 54 Rua de Gonçalves Dias 54 Rio de Janeiro D. Hutinet Paris; texto no verso escrito a caneta: “Da esquerda para direita - tia Ida - Dindinha - Mamãe ou Ida Catarina, Laura Maria, Cecilia Salomé”

Tais dados não só revelam o investimento afetivo, mas também, contribuem para determinar as características da camada social associada à prática vestimentar, segundo Bourdieu, para quem:

As propriedades actuaes, tidas em consideração como princípios do espaço social, são as diferentes espécies de poder ou de capital que ocorrem nos diferentes campos. O capital – que pode existir no estado objectivado, em forma de propriedades materiais, ou, no caso do capital cultural, no estado incorporado, e que pode ser juridicamente garantido – representa um poder sobre um campo (num dado momento), e mais precisamente, sobre o produto acumulado do trabalho passado (em particular sobre o conjunto dos instrumentos de produção), logo sobre os mecanismos que contribuem para assegurar a produção de uma categoria de bens e, deste modo, sobre um conjunto de rendimentos e ganhos [...] (BOURDIEU, 1989, p. 134)

Os indicadores do patrimônio econômico, cultural e social das histórias de vida formam um conjunto coerente com o vestuário, figurando o espaço social no tempo (BOURDIEU, 1979, p. 142-143).

O OBJETO COMO DOCUMENTO

Como fato antropológico quase universal, a indumentária situa-se ao lado da linguagem e da arte como prática significativa e, como objeto, faz parte do conjunto

de instrumentos através dos quais o homem interfere no ambiente natural, domínio da cultura material.

O significado social que o traje adquire se expressa através de sua estética e, ao mesmo tempo, revela a ligação intelectual e afetiva que se estabelece entre o traje e seu usuário. Além disso, seus aspectos plásticos não se reduzem a termos puramente estáticos, uma vez que o corpo está em movimento.

Não só a forma e o movimento do corpo servem como referencial para a elaboração dos trajes: a partir do Renascimento, a moda é um fenômeno social característico do Ocidente que vem regular as formas vestimentares. Tendo como metáfora perfeita o vestuário, é frequentemente confundida com ele. Nas sociedades modernas, a mudança frequente nas formas dos trajes e acessórios é o elo entre o individual e o coletivo.

A moda faz parte do universo de signos urbanos desde sua origem. Sua variação constante e a tipologia prescrita pela educação formal e pelos agentes legitimadores do padrão dominante associam práticas sociais e os lugares da cidade onde são usados esses trajes.

Assim o traje de passeio deve ser usado nos passeios públicos, parques e jardins, enquanto que o traje de baile, no interior das casas, clubes ou hotéis, enquanto que se enverga o traje esporte em situações menos formais, onde são praticados o lazer e o esporte.

Tudo isso contribui para estreitar a relação entre a cidade e a moda. O espaço urbano é cenário e nas indumentárias mutantes os aspectos estético-plásticos se relacionam dialeticamente com a cidade.

As questões que emergem da experiência com a “coisa real”, na investigação dos trajes, acessórios e fotografias complementam-se com as histórias de vida recolhidas. São “[...] um esforço constante para fazer falar as coisas mudas, para fazê-las dizer o que elas por si próprias não dizem sobre os homens, sobre as sociedades que as produziram” (FEBVRE apud FUTEMMA, 2006, p. 24), contribuindo singelamente para uma escrita da história da indumentária no Brasil.

Equipe

2005/2006

Alessandra Cavalcanti

Angélica da Silva Santos

Fernanda Garcia Nunes

Gabriela Alves da Costa

Isabella Navarro

Karina Zarro Santos

Kelly Marilyn Scofano

Roberta Magalhães Martins

2007/2008

Anna Cristina Ferreira de Souza
Áurea Bezerra da Silva
Daniella Freitas Alves Firmo de Lima
Elisa Emmel Vilas
Fernanda Garcia Nunes
Laura Bezerra da Silva
Paula Bahiana Wotzasek
Suzane Albernaz Gomes
Virgínia Braz Assanti

2009/2010

Ana Beatriz Lopes Barbieri Correa
Carolina Morgado Pereira
Elisa Emmel Vilas
Eloy Teixeira Machado
Estéfany Rocha da Silva
Felippe Soares Sabino dos Santos
Lenes Alves de Carvalho
Rafaela Teixeira Abreu
Victor Ferreira de Mattos Gonçalves

2011

Eloy Teixeira Machado
Estéfany Rocha da Silva
Lenes Alves de Carvalho

Apoio

PIBIAC e PIBIC/UFRJ
PIBIC/CNPq
IC/FAPERJ
SIBI – Sistema de Bibliotecas da UFRJ
ASI/NCE – Área de Sistemas de Informação do Núcleo de Computação Eletrônica da UFRJ

Agradecimentos

Adilson José de Almeida
Alcida Brant
Angela Leite Lopes
Carlos Gonçalves Terra
Dalila dos Santos Cerqueira Pinto
Elisa Amaral
Fernanda Garcia Nunes
José Manoel
Laura Pereira de Castro
Lucia Costa

Marcia Mello
Maria Irene Fonseca Sá
Maria Laura Mousinho
Marta Isabel Ribeiro Gomes
Miguel Rio Branco
Nathalie Braga
Paula Bahiana Wotzasek
Paula Mello
Roberta Magalhães Martins
Ronald Teixeira
Rosa Ignez Novais
Rosa Werneck
Samuel Abrantes

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Actas da Conferência Internacional de Textiles e Indumentaria/ICOM. Madrid: Museo Nacional del Pueblo Español, 1991.
- BARTHES, Roland. *O sistema da moda*. Lisboa: Ed. 70, 1981.
- BOURDIEU, Pierre. *La distinction. Critique sociale du jugement*. Paris: Ed. de Minuit, 1979.
- _____. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.
- DELAPORTE, Y. *Vêtement et sociétés 2*. Paris: L'Ethnographie, 1984.
- FREIRE-MEDEIROS, B. et al. *Estudos históricos*, vol. 24, n. 48, jul – dez. de 2011. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas, 2011.
- FUTEMMA, O. *Rastros de pericia, métodos, intuição: descrição do arquivo Paulo Emilio Salles Gomes*. Diss. de Mestrado, ECA/USP, 2006.
- Guia de Museus Brasileiros. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000 (Uspiana – Brasil 500 anos).
- MENESES, U. T. B. A cultura material no estudo das sociedades antigas. *Revista de História* (Nova Série) n. 115, julho/dezembro. São Paulo: USP, 1983.
- PAULA, T. C. T. (ed.) *Tecidos e sua conservação no Brasil: museus e coleções*. São Paulo: Museu Paulista da USP, 2006.
- ROCHE, Daniel. *História das coisas banais; nascimento do consumo XVII-XIX*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- TAYLOR, L. *Establishing dress history*. Manchester, UK: Manchester University Press, 2002.
- _____. *The study of dress history*. Manchester, UK: Manchester University Press, 2004.
- Vêtement et Sociétés II*. Paris: L'Ethnographie, 1984.

Recebido em 15.07.2012

Aceito em 17.09.2012